

A DESMOTIVAÇÃO DISCENTE EM AULAS DE LEITURA: LANÇANDO UM OLHAR SOBRE A ESCOLA PÚBLICA

Déssica Rocha da Silva¹

Elenice Alves Pereira²

Maria da Conceição Costa³

RESUMO: Esse trabalho foi desenvolvido como atividade final do componente curricular Práticas Pedagógicas Programadas I (PPPs), no segundo período do Curso de pedagogia – do *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Para tanto, elaboramos um projeto a ser operacionalizado nas etapas posteriores deste componente. Nossa análise está centrada na desmotivação do aluno nas aulas de leitura, em seu processo de ensino-aprendizagem, em que enfocaremos especificamente, os adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma turma de uma escola pública do município de Rafael-Fernandes/RN. Buscando compreender os fatores intrínsecos e extrínsecos da desmotivação discente nas aulas de leitura e também como a prática docente pode colaborar para a aprendizagem significativa dos mesmos, iremos adotar a pesquisa bibliográfica, além de pesquisa de campo, observações da prática docente do professor de Língua Portuguesa e questionários destinados a docentes e discentes. Nossa fundamentação teórica será baseada em autores como Tapia (1999), Guimarães (2001) e Bzuneck (2001). Com bases nesses conhecimentos levantaremos as possíveis hipóteses para detectar as causas/motivos da desmotivação do aluno, e assim, buscaremos estratégias para o aprimoramento do indivíduo enquanto sujeito ativo no seu processo de aprendizagem.

Palavras-Chave: Desmotivação, Relação professor-aluno, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como temática central a desmotivação do aluno nas aulas de leitura na disciplina Língua Portuguesa, com o intuito de compreender os fatores intrínsecos e extrínsecos da motivação dos discentes e também como a prática docente pode colaborar para a aprendizagem significativa dos mesmos. Segundo Bzuneck (2001, p. 9), a motivação ou motivo seria “Aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso”. Assim sendo, evidenciar elementos presentes nas relações interpessoais entre professor-aluno e aluno-aluno, e conhecer as práticas dos professores

¹ Aluna do curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – UERN.

² Aluna do curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia – UERN.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP. Professora do Departamento de Educação, do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

para analisar se estas possuem aparato suficiente para que desperte nos alunos um real significado se faz necessário para obter o objetivo desejado. Contudo, algumas vezes somente a figura do professor é considerada como fator chave que desencadeia essa motivação, sendo que, são deixados de lado, os fatores externos, como a estrutura escolar, o pensamento individual, a própria auto-estima, os valores construídos por cada indivíduo em sua singularidade, e o mais importante, o que cada um pretende objetivar através do ensino.

É com o intuito de compreender essas interações interpessoais que surgiu o interesse de desenvolver esse estudo, pois percebemos a necessidade de ampliar o olhar para a educação pública de nossas escolas, que eventualmente vem apresentando alunos cada vez mais desmotivados, e assim poder levantar aspectos/hipóteses que possam vir a contribuir para a melhoria do ensino público.

Do ponto de vista psicoeducacional, o papel do professor em sala de aula, mais do que remediar, é de prevenir a ocorrência de condições negativas, como o tédio, a apatia ou a alta ansiedade e, mais do que tudo, desenvolver e manter a motivação positiva da classe como um todo, série após série. Portanto, todo aluno deve orientar-se para a meta de realização denominada aprender, buscando auferir o maior proveito do processo de aprendizagem, acolhendo de boa vontade todas as condições de exigência que ele contenha. E por isso, os esforços educacionais devem seguir a trilha em direção a motivação intrínseca, um estado que o aluno chega a envolver-se em atividades escolares com um fim em si mesmo, independentemente de motivadores extrínsecos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desenvolveremos uma pesquisa do tipo qualitativa, de cunho bibliográfico, propondo identificar o que leva a desmotivação do aluno, de acordo com os nossos propósitos já explícitos nesse trabalho. Dessa forma, utilizaremos como instrumentos uma pesquisa de campo, que será desenvolvida numa turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Ferreira da Costa, no município de Rafael-Fernandes/RN. A princípio, pretendemos desenvolver essa pesquisa de campo durante um mês, o equivalente a quatro semanas de observações em sala de aula. Nossos sujeitos serão os alunos oriundos dessa turma e o professor de Língua Portuguesa.

Por meio de questionários que serão aplicados a docente/discentes, para analisarmos as causas da desmotivação discente nessa turma, tendo em vista que já conhecemos a turma e percebemos ainda de forma tímida, sem estudos aprofundados, a presença desta desmotivação discente, realizaremos observações criteriosas nas aulas de leitura de Língua Portuguesa, iremos buscar possíveis justificativas para essa desmotivação que vem se tornando cada vez mais frequente nos dias atuais. Teremos como fundamentação teórica os autores Tapia (1999), Guimarães (2001) e Bzuneck (2001).

DISCUSSÃO TEÓRICA

Atualmente muito se tem discutido sobre as questões que interferem no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos alunos, havendo assim grandes questionamentos de vários autores para tentar entender os elementos que ocasionam a desmotivação dos mesmos.

Para Tapia (2004) o aluno está motivado ou desmotivado em função do significado que tem para ele o trabalho escolar, ou seja, o seu interesse irá variar de acordo com as condições que esse ambiente oferece. Todavia, é necessário levar em conta os vários fatores interpessoais, como a auto-estima, que podem influenciar de maneira significativa para esse aprendizado, as metas objetivadas por cada um, enfim, todo um conjunto de estruturas que fundamentam esses comportamentos. Contudo, a metodologia do professor poderá condicionar também esse interesse, pois muitas vezes, os mesmos são alvo de perguntas dos alunos, como: Para que tenho que estudar isso? Para que serve? Como estudar isso? Sendo assim, a metodologia do docente deve ser vinculada aos objetivos dos alunos, para fazer-lhe buscar um significado para cada tarefa solicitada. É importante ressaltar que os alunos agem tendo pontos de vistas diferentes, muitas vezes relacionados à sensação de satisfação ou de fracasso, assim afirma Tapia (2004, p.19):

O importante é aprender algo que faça sentido: descobrir, por trás das palavras que se constroem significados conhecidos e experimentar o domínio de uma nova habilidade, encontrar explicação para um problema relativo a um tema que se deseja compreender, etc. a atenção do aluno ou da aluna nesses casos se concentra no domínio da tarefa e na satisfação que sua realização supõe.

Assim, é necessário perceber a subjetividade de cada discente, pois cada um é responsável pelas construções de metas/valores evidenciadas através de suas ações em sala de aula. Conforme Bzuneck (2001, p.11):

Em sala de aula, os efeitos imediatos da motivação do aluno consistem em ele envolver-se ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem, o que implica em ele ter escolhido esse curso de ação, entre outros possíveis ao seu alcance. Tal envolvimento consiste na aplicação de esforço no processo de aprender e com a persistência exigida por cada tarefa.

Porém, não basta que o aluno aplique algum esforço, exige-se também que enfrente tarefas desafiadoras que, por sua natureza, cobram maior empenho e perseverança. Sabemos que quanto mais avançadas a série, mais os problemas tendem a ser mais complexos e profundos, por terem raízes naqueles que se originam nas séries iniciais e por sofrerem influências das novas exigências dos diferentes tipos de disciplinas diante das características evolutivas do aluno. Se cada aluno é responsável pela construção de valores, embora estes tenham influências dos seus grupos de convívio, é evidente que a motivação irá variar de um para outro, sendo que, nem sempre esses valores surgirão de imediato, podendo levar algum tempo para se revelarem. Também é verdade que, mesmo no que diz respeito apenas aos alunos, eles não dependem exclusivamente de sua motivação.

Em geral, a desmotivação do aluno pode estar relacionada às notas que ele recebe por determinada tarefa, e não há nenhuma dúvida de que, educacionalmente, se deva aspirar pelos mais altos resultados que cada um possa conseguir. Porém, existem dois aspectos que devem ser considerados para essa motivação, o quantitativo e o qualitativo. Em termos quantitativos, a motivação pode ser maior ou menor, isto é, mais ou menos intensa. Mas não se deve pensar que a motivação deva ser a mais intensa possível, pois níveis excessivamente elevados de motivação rapidamente acarretam fadiga, e assim, surge a emoção negativa da alta ansiedade, cujo componente de preocupação prejudica o raciocínio e a recuperação de informações armazenadas na memória, e, portanto, na própria aprendizagem.

Por assim ser, a motivação ideal no contexto das tarefas escolares não pode ser fraca, mas também não deve ser absolutamente a mais alta, ambos os extremos são prejudiciais. Já em termos qualitativos, existem tipos de motivação menos adaptáveis e menos eficazes do que outros. Há alunos motivados, mas por razões errôneas, que

produzem menor envolvimento com a aprendizagem, e conseqüentemente, piores resultados. Segundo Bzuneck (2001, p.18), incluem-se nessa categoria “os alunos que fazem rápido as tarefas com o objetivo de entregar logo, mesmo com baixa qualidade, fato que absolutamente não os preocupa”.

Em outras palavras, a motivação do aluno em sala de aula resulta de um conjunto de medidas educacionais, que são estratégias de ensino ou eventos sobre os quais todo professor tem amplo poder de decisão. Entretanto, existem ainda os fatores intrínsecos e extrínsecos, que podem auxiliar o professor em seu trabalho e despertar o interesse dos alunos sobre os conteúdos escolares. A motivação intrínseca refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente, ou de alguma forma, geradora de satisfação. Tal comprometimento com uma atividade é considerado ao mesmo tempo espontâneo, parte do interesse individual, e autotélico, isto é, a atividade é um fim em si mesma. Desse modo, a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento. Segundo a autora Guimarães (2001, p. 37):

Um indivíduo intrinsecamente motivado procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio. Está implícita nesta condição uma orientação pessoal para dominar tarefas desafiadoras, associada ao prazer derivado do próprio processo.

Isso quer dizer que é preciso haver um interesse próprio do aluno em aprender, de buscar o novo, mesmo que isso implique em ações desafiadoras, mas, porém, que despertem a vontade do aluno em participar deste processo e desenvolver novas habilidades, ou seja, mesmo que se tenha uma motivação em si mesmo, é necessário incentivá-la, colocá-la em prática. Para isso, o professor pode apresentar-lhes novos desafios cotidianamente, promovendo mais ainda a curiosidade dos mesmos e diversificando o planejamento de atividades, pois todas as situações de aprendizagem devem ser desenvolvidas levando-se em consideração elementos que possam promover essa motivação intrínseca.

Já a motivação extrínseca tem sido definida como motivação para trabalhar em resposta a algo externo a tarefa ou a atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades. Do ponto de vista educacional, o uso de recompensas externas em situações de aprendizagem deve ser

viabilizado de forma criteriosa evitando que os alunos sejam orientados extrinsecamente no envolvimento com as atividades. No entanto, a presença de recompensas em situações de sala de aula não deve ser totalmente abolida, considerando-se os efeitos benéficos do uso adequado dessas estratégias, e sendo assim, o professor deve redirecionar o interesse dos alunos pelas notas, prêmios, resultados finais ou comparações de desempenho e destacar o esforço pessoal para a realização das tarefas.

Ao nos reportarmos à relação entre aprendizagem e desmotivação discente, autores (as) como Guimarães (2001) denominam de aprendizagem espontânea a que é resultante de processos internos, prontidão e tendência, sem obrigações, orientações ou pressões externas. Esse tipo de aprendizagem é associada ao interesse, ao envolvimento na tarefa e a outros processos afetivos, também presentes na motivação intrínseca, em que curiosidade, interesse, persistência, atenção, prazer e alegria podem caracterizar a participação de uma criança pequena em situações de aprendizagem. No entanto, quando esta fica mais velha e avança de escolaridade, este tipo de envolvimento parece ficar restrito a situações externas à sala de aula. Contudo, todo aluno já traz para a escola, como fruto de diversas experiências em seu meio, alguma forma de motivação positiva, que consiste em certas crenças, expectativas, objetivos e hábitos. Mais do que isso, toda criança tem uma curiosidade natural que a faz explorar o que é novo, o que estaria na raiz de toda motivação humana, e assim, o trabalho de se promover a motivação pode contar, portanto, com esse valioso recurso inicial da criança.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A elaboração dessa proposta de trabalho leva-nos a construir a hipótese de que as possíveis justificativas para a desmotivação dos alunos podem ser acentuadas por vários aspectos, o primeiro deles pode estar dentro das metas/objetivos desenvolvidos pelo próprio discente, já que fatores intrapessoais condicionam o aparecimento de expectativas ou habilidades, e podem refletir no rendimento de cada um. Isto por sua vez, pode gerar uma série de alterações no comportamento do aluno, denominando-o, motivado ou não. Assim, além da avaliação dos desempenhos e da consideração de comportamentos abertos, a identificação de reais problemas de motivação pode depender de um conhecimento mais acurado do aluno, de seu nível de capacidade, seus conhecimentos prévios, os métodos de estudo e a disponibilidade de recursos didáticos em sala de aula.

Outra possível causa da desmotivação do aluno nas aulas de leitura pode estar associada à apatia frente às tarefas escolares, onde muitas vezes o aluno pode até ir motivado para a escola, mas somente com objetivo de encontrar-se com sua turma, ou para comer a merenda, ou praticar esportes. E neste caso, o problema motivacional começaria na sala de aula ou quando se tratasse de levar tarefa pra casa. É evidente, que por o aluno ter papel ativo nesse processo, pode ser considerado como o portador e maior prejudicado, mas isso não significa que ele seja o responsável, muito menos o único, por essa condição. Contudo, o que importa do ponto de vista educacional é os componentes do contexto de aprendizagem, o que não exclui o reconhecimento de outras e significativas influências, bem como de condições facilitadoras e impedimentos externos a escola.

Portanto, esse estudo é de relevante importância para o aprimoramento de idéias sobre as reais causas que levam o aluno a desmotivação escolar e qual real a importância da figura do professor neste processo, para uma ampliação de estratégias que construa um caminho mais amplo de possibilidades para o desenvolvimento integral do indivíduo, enquanto sujeito ativo das suas ações, para a edificação de suas metas e objetivos, e fazendo assim da sala de aula um ambiente prazeroso e confortável para a facilitação do seu processo de ensino aprendizagem. Até aqui, nossas hipóteses foram levantadas, porém, é a sala de aula com sua dinamicidade que poderá nos fornecer dados que comprovem ou acrescentem novos dados às hipóteses aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do Aluno: Aspectos Introdutórios. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2001.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2001.

TAPIA, Alonso Jesus. **A motivação em sala de aula**: o que é, e como se faz. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1999.